

Os assustadores gritos do silêncio: *O enigma de Kaspar Hauser*

LUCIANA ROSO ARRIAL*

JOÃO FRANCISCO FERNANDES POUHEY**

Resumo

Este artigo versa sobre o filme *O Enigma de Kaspar Hauser (1974)*, inserido no contexto da ética humana. Pois, os seres humanos, dotados de consciência, necessitam refletir sobre as alternativas possíveis antes de lançarem as suas decisões, tendo como opção o bem ou o mal. Neste sentido, destaca-se a contribuição do Edgar Morin sob a luz da Teoria da Complexidade e o imperativo desafio de nos orientarmos guiados pela tomada de consciência.

Palavras-chave: complexidade; ética; vida.

Abstract

This text is about the film *The Enigma of Kaspar Hauser (1974)* in the context of human ethics. Human beings, who are gifted with conscience, need to reflect upon available alternatives before they take their decisions regarding the good and the evil. Therefore, this text highlights Edgar Morin's contributions in the light of the Theory of Complexity and the imperative challenge of finding guidance through consciousness raising.

Key words: complexity; ethics; life.



* **LUCIANA ROSO ARRIAL** é Doutoranda em Educação Ambiental - PPGEA – FURG; Professora e Coordenadora de área do Curso Técnico em Edificações - IFSul – campus Pelotas (RS).



** **JOÃO FRANCISCO FERNANDES POUHEY** é Mestrando em Educação Ambiental PPGEA/FURG, Engenheiro Civil e Professor e Coordenador do Curso Técnico em Edificações, IFSul campus Pelotas (RS).

Considerações iniciais

Trabalhando com Teoria da Complexidade, que enfatiza um saber não fragmentado, do inacabado e da incompletude de qualquer conhecimento, buscou-se através de um personagem,



Kaspar Hauser, analisar algumas situações do filme *O enigma de Kaspar Hauser*, a fim de entrelaçar com as reflexões de Edgar Morin.

Não se pretende esgotar ou fechar os caminhos sobre qualquer abordagem da complexidade, mas sim, apontar as relações da nossa incompletude enquanto seres humanos, que vivemos os processos de inclusão e de exclusão do *eu* individual e do *nós* sociedade, situando-se uma análise em uma conformidade com o meio. Uma atitude de auto-organização dependendo das suas próprias teorias para dar sentido à vida, que está sempre se renovando por meio das relações sociais.

Ordem/desordem nas relações entre o diretor e o ator

Werner Stipetic, cineasta alemão, nasceu em Munique em 5 de setembro de 1942, adotou o nome artístico de Herzog, que em sua língua significa “duque”. Mora atualmente em Los Angeles com sua esposa, a fotógrafa Lena Pisetski. Dos casamentos anteriores tem três filhos.

Começou sua trajetória em 1962, tendo recebido premiações em várias de suas obras, composta de um acervo com mais de 50 filmes. Herzog tem seu nome associado ao movimento do novo cinema alemão. Os seus filmes contêm

sempre heróis com sonhos impossíveis ou pessoas com talentos únicos em áreas obscuras.

No ano de 1974 lançou o filme *Jeder für sich und Gott gegen alle*, cuja tradução literária é “Cada um por si e Deus contra todos”, frase do romance

Macunaíma de Mário de Andrade, e que em português teve o título de “O Enigma de Kaspar Hauser”. O filme mantém a linha de interesse de Herzog, em histórias exóticas. O filme “O Enigma de Kaspar Hauser” foi premiado em Cannes em 1975.

Para representar o personagem título, Herzog foi muito ajudado pela peculiar interpretação de Bruno Schleinsteiner, conhecido por Bruno S., que não era ator profissional. Bruno S. passou toda sua juventude em instituições para doentes mentais, em consequência dos maus tratos da mãe, uma prostituta que o deixou temporariamente surdo aos três anos. Também foi usado em experimentos nazistas com crianças com deficiência mental. Quando adulto, saiu de instituições, abrigos ou prisões e ocupou vários empregos, até se encontrar como cantor de rua. Durante este período fez parte de um documentário sobre músicos de rua, onde foi visto por Herzog, que mais tarde, em 2006, confidenciou em uma entrevista que quando viu o Bruno S. no documentário, imediatamente soube que ele poderia ser o personagem principal em *Kaspar Hauser*.

Bruno S. fez apenas mais uma longa, intitulado “Stroszek” (1977), escrito e dirigido por Herzog. Este filme foi

baseado na própria história de vida de Bruno S.

Bruno S. foi sempre um desafio para o diretor que tinha não somente a tarefa de dirigir o filme, mas conduzir o ator para interpretar, já que Bruno S. tinha momentos de desespero durante as filmagens, gritando e utilizando um vocabulário desconectado e fora do roteiro.

Em 2002, o cineasta alemão Miron Zownir fez um documentário chamado "Bruno S. – O estranhamento é a morte". Um curta-metragem sem repercussão, onde Bruno S. falava "Eu tenho meu orgulho, e posso pensar" e mais "e meu pensamento é inteligente", o que serviu como resposta para muitos que falavam que ele tinha sido explorado por Herzog. Bruno morreu em Berlin, em 11 de agosto de 2010, aos 78 anos.

A incerteza

O filme foi baseado numa história real que teria acontecido no século XIX, sobre um jovem, supostamente de origem nobre, afastado da sociedade por problemas de sucessão ou bastardia. Este ser humano foi preso em um cubículo sem contato com o meio exterior, além de ter um pequeno cavalo de madeira como companhia.

Aproximadamente aos 18 anos, foi libertado por um homem misterioso, que o alimentava enquanto dormia e que lhe ensinou a escrever seu nome e algumas raras palavras.

Na ausência de qualquer contato com a sociedade, com a cultura, com o ambiente e porque não dizer, consigo mesmo, ocorre a liberdade para este sujeito? Este ser humano foi privado de uma tomada de consciência de si e dos outros, por longo período de sua existência.

A liberdade deu-se em maio de 1828, quando o misterioso homem, que supostamente o cuidava, o deixou em uma praça de Nuremberg. Uma liberdade do enclausuramento, mas uma liberdade inserida no aprisionamento do vir a ser. Sozinho, sem entender o contexto, sem linguagem, sem gestos, o liberto ficou parado por tempo indeterminado, com uma carta nas mãos, enquanto era observado por pessoas que por lá transitavam.

A carta destinava-se ao capitão da cavalaria local, e relatava que o jovem fora criado sem nenhum contato humano, em uma masmorra, desde o seu nascimento até o presente dia. Nesta mesma carta solicitava que fizessem dele um cavaleiro. O jovem, que escrevia somente seu nome "Kaspar", possuía um vocabulário restrito, repetindo apenas: "quero ser cavaleiro, como meu pai foi".

A percepção da realidade por Kaspar era diferente da percepção da sociedade, deixando-o no patamar do estranho, de desigual, de outro.

Kaspar, mesmo liberto da masmorra, ficou preso em um quarto. Com o auxílio das crianças da família que foi destinada a cuidar dele, até que a sociedade obtivesse respostas sobre a sua origem, aprendeu o nome das partes do corpo, a usar talheres e a fazer tricô.

Somos capazes de articular saberes fragmentados, reconhecer relações entre as partes e o todo, mas sem reconstituir as totalidades a que pertencemos. O conhecimento que Kaspar adquiria, não terminava, mas permanecia incompleto, no cordão umbilical que o levava ao desconhecimento sobre si mesmo.

Um professor que havia acolhido um jovem cego, também acolhe Kaspar. Este professor trabalhou para socializar o jovem. Neste período, Kaspar

aprendeu a ler e a escrever (nossa linguagem para a comunicação na sociedade), aprendeu jardinagem e música. Nesta incerteza, o jovem organiza-se e desorganiza-se, através de inter-retroações com a cultura e a sociedade.

Concebemos uma auto-eco-produção dos conhecimentos até chegarmos a dialógica homem mundo. A questão é que o conhecimento humano não depende somente do cérebro; o espírito forma-se e emerge cérebro-culturalmente na e através da linguagem, que é necessariamente social. A cultura de uma sociedade inscreve no sujeito os seus caminhos. O mundo é cultural, e como consequência, a possibilidade de futuro baseia-se no que se apresenta o nosso presente em relação às nossas possibilidades.

Kaspar sofreu dois atentados contra sua vida e em 1833 por ocasião do segundo, após três dias, faleceu. O assassino possuía a incerteza e o medo de Kaspar se lembrar do seu passado e reconhecer seu futuro. A única certeza de continuar incógnito seria através da morte de Kaspar.

Em face às práticas da vida cotidiana, adaptamos compreensão e explicação para conhecermos o desenvolvimento do nosso universo de sentido. Compreensão e explicação estão na dialógica da esfera do pensamento. Essa dialógica varia conforme os momentos, os indivíduos, as culturas. Não é equilibrada, mas complementar, concorrente e por vezes antagônica. A explicação sobre a vida de Kaspar não seria explicada por si mesma, a compreensão não saberia compreender-se a si mesmo, mas ambas poderiam ajudar a se conhecer Kaspar.

As contradições

Em uma das cenas Kaspar e o professor passeiam pelo jardim, deparando-se com a torre que serviu de prisão.

A primeira constatação é sobre a altura da torre e que para construir tal prédio seria necessário um homem muito alto, segundo Kaspar. Ressalta-se aqui complexidade da tríade cérebro/espírito/cultura, a partir do momento em que o cérebro de Kaspar, através do sentido da visão, começa a computar uma associação e formar na área cognitiva uma observação (espírito) pertinente com os conhecimentos (cultura) que ele possuía.

A falha em qualquer um dos três elementos desta tríade faz com que a relação entre eles transfira-se para os demais em uma cadeia defeituosa. No caso específico, a cultura de Kaspar, incompleta e mutilada, faz com que o jovem faça uma interpretação equivocada de uma observação que outro indivíduo com conhecimentos, conforme as representações e associações culturais devidamente desenvolvidas, não faria.

Esta mesma interpretação equivocada ocorre quando, no diálogo dos dois na frente da mencionada torre, o professor comenta que dentro daquela torre, lá no alto, está o quarto que o mantinha preso.

Kaspar diz: “Como pode o quarto estar lá dentro, se quando eu estava nele olhava pra frente e via suas paredes, olhava para os lados e também via as paredes do quarto, olhava para trás e também eram as paredes do quarto que eu via!”

E segue: “E agora aqui fora, eu olho para frente e vejo a torre, mas no momento em que viro e olho para trás eu já não vejo esta torre, diferentemente

da minha visão de dentro do quarto que era sempre do quarto”.

É fantástica a observação do rapaz, de que como pode estar o quarto dentro da torre se este quarto é maior que a própria torre?

A partir desta analogia observa-se que conhecimento, cultura, observação e sentido são fundamentais para o computo do cérebro, para a formação de um pensamento, do espírito verdadeiro coerente com a realidade.

Conhecer é traduzir, construir e solucionar problemas. Traduzir a torre como elemento construído pelo homem, que constrói sistemas cognitivos articulando, neste caso, as informações sobre o ser humano, a capacidade de criação da torre e o significado desta torre, tratando da adequação do problema cognitivo. Isso significa que o conhecimento da torre, não saberia refletir diretamente o real, só podendo traduzi-lo e reconstruí-lo a partir de informações construídas previamente em outra realidade.

“Toda operação cognitiva comportaria assim uma reminiscência anterior a qualquer saber e disporia de formas *a priori* próprias, não à sensibilidade, mas à auto-eco-organização onde o Macro-Tudo do mundo em torno está submetido no micro-tudo do ser” (Morin, 2005 a: 60).

Kaspar, como nós todos, percebeu que aprender não é somente adquirir um *savoir-faire*, mas adquirir saber e informações, descobrir qualidades, descobrir acontecimentos ou, ainda, a descoberta da ausência de ligação entre eles.

Trata-se de um processo evolutivo em espiral que comandado pela dialógica auto-eco-organizadora, a auto-afirmação da espécie, permuta e produz a

aquisição de conhecimentos. Esse movimento em espiral que nos permite compreender a possibilidade de aprender e de vir a ser.

Outra cena que vale destacar diz respeito às autoridades da cidade, que fazem testes com o jovem, tentando descobrir qual a percepção e o raciocínio de Kaspar.

Em um destes testes, aproximam do rapaz a chama de uma vela acesa, passando-a muito próxima dele, que não manifesta nenhuma reação de pavor, medo ou ansiedade, demonstrando que estas reações surgem com o processo evolutivo e cultural do indivíduo, que enquanto inconsciente dos perigos, não apresenta reação às ameaças impostas à sua integridade física. Kaspar só reage quando há contato com a chama da vela, causando dor física.

O diretor transfere aos espectadores a visão do mal e do bem, em outra cena em que Kaspar esta preso com outros homens, os quais se utilizam da hipnose em uma galinha deixando-a por longo tempo submetido à imobilidade e impossibilidade de fuga, momento em que Kaspar ainda sem o convívio social, não entende a relação de domínio. Evidencia-se que as pessoas nascem boas e que depois, imbuídas de cultura e do convívio social, conhecem o mal e o deixam fazer parte de suas vidas.

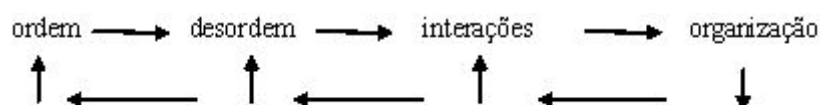
Segundo Morin (2005 b: 188) “é a partir do espírito humano que a crueldade do mundo aparece como tal, pois produz o sofrimento ao mesmo tempo em que a consciência desse sofrimento”. O mal é o horror da condição humana. É fato que o mal existe embora não haja princípio para o mal.

Nota-se que o bem está sempre ameaçado e sob perseguição. Isso quer dizer que se induz uma ética de resistência. (Ibidem: 193) A tolerância,

a compaixão, a mansidão e a misericórdia remetem-se à ética de resistência à crueldade do mundo e a resistência à barbárie humana. A resistência é o não ao triunfo do mal.

A ética remete a consciência de que não somos o centro do universo, mas sujeitos ligados a sujeitos, percebendo uma religação com o outro, religação de uma comunidade, religação da espécie humana.

Em nosso mundo e na realidade de Kaspar aparecem as forças de separação, dispersão e aniquilação que continuam a se desencadear, ao mesmo tempo em que surgem as forças de religação. A partir destas forças, em um diálogo, combinam-se formando um tetragrama de forças, que se apresentam, ao mesmo tempo, antagônicas, concorrentes e complementares.



As forças de religação são minoritárias em relação às forças de dispersão, de separação e aniquilação, as barbáries e crueldades. Mas, são as forças de religação que criam a diversidade da vida, vivendo uma dialógica de criação-destruição. A resistência à crueldade do mundo é, por assim dizer, a ética de aceitação do mundo.

A ética do bem e do mal é complexa e frágil. Permanece incerta e inacabada. Incorpora o desconhecido do mundo e do futuro do homem. Por tal motivo a ética deve regenerar-se permanentemente.

O diretor mostra, também, a natureza bondosa do homem “natural”, que está implícita nas cenas de tensão, em que Kaspar aproxima-se do berço de um bebê da família do guardião da prisão, e acaba pegando a criança no colo. A reação do espectador é de apreensão com relação à ação de Kaspar na medida em que o jovem não tem conhecimento do que seria um recém-nascido. Há diversas possibilidades de acontecimentos desastrosos, no entanto, Kaspar trata o bebê com o carinho de quem está acostumado. Nesta cena, o ser mamífero se sobrepõe e o homem,

mesmo sem o desenvolvimento cultural/social, tem uma reação afetuosa. Kaspar identifica-se com o outro e sente como outro, mantendo esta lógica, uma identidade, uma sensibilidade que é condição humana.

Considerações finais

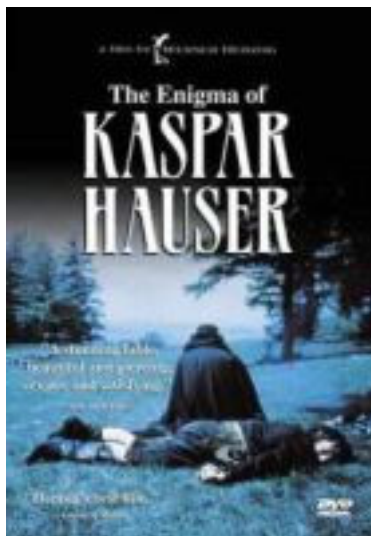
Para Kaspar, a autoprodução do ser indivíduo-sujeito levou o tempo de interpretação da realidade, intercedida por símbolos certamente mais significativos que se enxergados pelos olhos de seres humanos que tiveram seu desenvolvimento e sua consciência mediada por relação naturais de convívio e troca.

O indivíduo, portanto, necessita de uma renovação/regeneração permanente, que Kaspar não alcançou por anos. Quando foi inserido ao convívio familiar, teve a oportunidade de pensar, readaptar, observar, trocar informações e autotranscender-se. Analisou e fez suas próprias traduções, limitadas pelo processo de socialização.

Kaspar teve a oportunidade de religação consigo mesmo pela descoberta em poder ser, religação com o ambiente, religação com outros seres humanos e

não humanos, religião com a sociedade (ou parte dela). Uma religião estranha e conturbada, mas com descobertas de possibilidades.

Possuímos tantas culturas, tantos mitos, tantas crenças e a nossa definição de bem ou mal depende das lentes que utilizamos desde que nascemos compondo-nos até a nossa morte, percorrendo todos os caminhos imbuídos de sujeitos que cruzam, permanecem, afastam-se de nossa vida, na sociedade onde vivemos, por onde nos deslocamos e no local que mais permanecemos.



FICHA TÉCNICA

Título: Jeder für Sich und Gott Gegen Alle

Tradução: O enigma de Kaspar Hauser

Ano: 1974

Direção: Werner Herzog

Roteiro: Werner Herzog

Produção: ZDF Produções

Gênero:

Biografia/Drama/Histórico

Origem: Alemanha Ocidental

Duração: 110 minutos

Referências

MORIN, Edgar. **O Método 3: o conhecimento do conhecimento**. 3. ed. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005a.

MORIN, Edgar. **O Método 6: ética**. 2. ed. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005b.